

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA: UMA QUESTÃO DE CAPTURA¹

ACQUISITION OF WRITTEN LANGUAGE: A QUESTION OF CAPTURE

Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho

Universidade Católica de Pernambuco
magdapcarvalho@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar a captura da criança pela linguagem, a partir de questões já discutidas por autores filiados ao interacionismo em aquisição de linguagem quanto ao efeito do outro (semelhante) e do Outro (tesouro de significantes) na aquisição da escrita. Lançamos mão da proposta de Cláudia de Lemos, no que diz respeito à captura da criança pelo funcionamento linguístico-discursivo. Assim, nosso *corpus* é formado por três textos de uma criança, de 6 anos, matriculada no 1º ano do Ensino Fundamental. Os resultados apontaram que a escrita inicial, por se tratar de um fato de linguagem, não está imune aos equívocos e deslocamentos da língua, uma vez que as mudanças que ocorrem na escrita infantil marcam a relação da criança com o funcionamento da língua.

Palavras-chave: Aquisição de escrita. Captura. Equívoco.

Abstract:

This work has as objective to analyze the capture of the child by the language, from questions already discussed by authors affiliated to Interactionism in language acquisition regarding the effect of the other (similar) and the Other (symbolic) in the acquiring writing. We have used the proposal of Cláudia de Lemos, regarding the capture of the child by the linguistic-discursive functioning. Then, our *corpus* is formed by three texts of a child, 6 years old, enrolled in the 1st year of Elementary School. The results pointed out that the initial writing, because it is a fact of language, is not immune to misunderstandings and displacements of the language, because the changes that occur in children's writing mark the relationship of the child to the functioning of the language.

Keywords: Acquisition of writing. Catch. Misunderstanding.

¹ Devido à nossa filiação teórica, a saber, interacionismo em aquisição de linguagem, fundamentado na linguística europeia e na psicanálise lacaniana, convém dizer que, ao abordarmos a escrita de crianças em fase de aquisição de linguagem escrita, discussões teóricas por nós apresentadas em trabalhos anteriores são incorporados a este texto, de modo a ampliar nossas reflexões a cerca da escrita inicial da criança, por isso algumas questões apresentadas aqui podem ser encontradas no artigo *Aquisição da escrita: o 'erro' como indício de captura da criança pela linguagem*, publicado pela *Revista Interseções*, em maio de 2018, Edição 25 – Ano 11 – Número 1 – maio/2018.

Introdução

Considerando a linguística como um lugar “onde o que não se sabe sobre a linguagem é reconhecido e produz questões” (LEMOS, 1998, p. 8), compreendemos que discutir a aquisição da linguagem escrita como uma questão de captura da criança, pelo movimento da língua, demanda que se parta de uma proposta teórica que compreenda a escrita não como representação gráfica da oralidade, mas que considere o diferente e inesperado que aparece na escrita da criança como o que aponta “para a imprevisibilidade da língua e do seu efeito sobre o falante” (LEMOS, 1995, p. 22) ou escrevente.

Dessa forma, o imprevisível que emerge na escrita infantil pode ser entendido como uma questão, para a linguística, a partir do momento em que se define a língua “como um sistema que conhece sua ordem própria” (LEMOS, 1995, p. 11). Com base nesse entendimento, pretendemos, neste estudo, observar o imprevisível que comparece em três textos escritos por uma criança em fase de aquisição da escrita e, embora o imprevisível não faça parte da língua, mas da linguagem, objetivamos analisar o “erro” ou “equivoco” como captura da criança pelo funcionamento da língua.

Assim, seguindo a linha teórica do interacionismo em aquisição de linguagem, como postulado pela autora brasileira Cláudia de Lemos e seguidores, a proposta que assumimos, neste trabalho, é a de que, quando colocada em contato com textos de diferentes naturezas, a criança escreve a partir de uma cadeia de significantes, em que o texto, de acordo com Bosco (2009, p. 25), será sempre uma unidade complexa, um intrincado nó, que põe em jogo relações de sentido.

É importante ressaltar que não é nosso objetivo discutir os possíveis sentidos dos textos que compõem nosso *corpus*, mas analisá-los a partir das discussões de autores que assumem o estruturalismo linguístico, ressignificado pela psicanálise lacaniana como teoria de base.

Nessa perspectiva, compreendemos que se faz necessário apresentar algumas considerações sobre a linha de pesquisa que assumimos.

Interacionismo em aquisição de linguagem e a escrita inicial

A proposta de Cláudia de Lemos, no campo da aquisição de linguagem, é marcada por seu esforço teórico na tentativa de analisar a fala inicial de crianças. Diante disso, essa autora assumiu o diálogo como unidade de análise, pois, em seu entendimento, tratar o diálogo do ponto de vista linguístico significava também a procura por uma teoria sobre a linguagem que pudesse contemplar, conforme a autora (1999, p. 13), a fala de crianças “enquanto fala não-analisada do outro para uma fala articulada, no sentido de que uma fala articulada supõe certos termos e posições que os determinam”.

Com base nessa compreensão, a autora questiona tanto o fato de a criança, ao falar, ser falada pelo outro, quanto o afastamento da fala do outro evidenciado pelos “erros” que aparecem na fala inicial infantil. Dessa forma, a observação de como a fala de crianças se mostra ao longo do processo de aquisição fez com que Lemos (2000) compreendesse essa fala como heterogênea e imprevisível.

No texto *Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação* (2002), Lemos afirma que a criança é capturada “por um funcionamento linguístico discursivo que não só a significa como lhe permite significar outra coisa para além do que ela significou” (LEMOS, 2002, p. 55). Nessa perspectiva, a autora apresenta uma proposição que integra concepções do outro e da relação do sujeito com a língua, assim como do próprio sujeito. Essa proposta consiste na possibilidade de mudança de posição em uma estrutura, cujos polos são “o outro, a língua e o próprio sujeito” (LEMOS, 2000, p. 60). Com isso, Lemos envolve a noção de língua como sistema, o que a faz recorrer à linguística estruturalista, sobretudo Saussure e Jakobson.

Segundo essa autora (2002, p. 54), a presença das formulações saussurianas em sua proposta demanda a articulação de “um sujeito [...] compatível com a concepção de língua na teorização da Linguística”; trata-se de um sujeito que existe enquanto efeito de linguagem e cuja constituição se faz em sua relação com o outro-falante por meio da linguagem. Nessa ordem, o sujeito é então entendido como “capturado” pela língua e submetido ao seu funcionamento.

Convém realçar que a proposta de Lemos, apesar de ter como princípio a investigação da trajetória linguística da criança, também oferece subsídios para o estudo da aquisição da escrita, pois as mudanças de posição em uma estrutura não só “qualificam a trajetória da criança de *infans* a sujeito-falante” (LEMOS, 2002, p. 56), como também para a de escrevente.

Diante disso, assumimos a proposta de que “a imersão em textos promove ou é determinante do processo de aquisição da escrita” (BORGES, 2006, p. 149), o que implica a suposição de um sujeito alienado ao discurso do outro (semelhante) e do Outro² (tesouro de significantes).

Nessa perspectiva, o outro (semelhante) é tomado como representante do funcionamento da língua constituída, e seu papel seria, conforme Lemos (1998, p. 17), “o de intérprete. [...] que se oferece ao mesmo tempo como semelhante e como diferente”, em razão de que ler para a criança, interrogá-la sobre o sentido do que “escreveu” e escrever para que ela leia são, de acordo com essa autora, situações que contribuem para a inserção da criança no movimento linguístico-discursivo da escrita.

² O Outro para a psicanálise lacaniana corresponde ao “lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (LACAN, 2008, p. 200).

Para Bosco (2009), os escritos do outro funcionam como um espelho, em que a escrita da criança vai refletir e refratar, remetendo a uma leitura que se apresenta como efeito da relação entre significantes, uma vez que a criança capturada por *le langage* é atravessada e significada, segundo Lemos (2006, p. 27), “pela *parole* do outro, matriz de sua identificação como semelhante [...] e como dessemelhante”.

Nessa linha, Borges (2006) observa que, quando colocada em situações de leitura e escrita que não priorizam a correspondência entre grafemas e fonemas, a criança escreve a partir de uma cadeia de significantes, que indica, de acordo com citação de Lemos (1995, *apud* BORGES, 2006, p. 158), “que o processo de aquisição da escrita não se dá como um voo cego, mas guiado pelas possibilidades da criança de se identificar nas posições abertas pelos discursos do outro”, daí a importância de compreender que o termo “interacionismo”, nessa perspectiva, trata da relação sujeito-língua.

Escrita inicial da criança: um lugar de manifestação do insólito

Para Lemos (1995, p. 27), na aquisição de linguagem o que está “em jogo é a relação da criança com a linguagem. Se há mudanças – e há mudanças – elas são dessa ordem”.

Nessa lógica, acreditamos que o imprevisível que foge à regularidade da língua e aparece na fala ou na escrita inicial pode ser compreendido como algo que marca a relação singular da criança com a língua devido à captura. No entanto, convém ressaltar que o que para outros caminhos teóricos aparece como “erro” na escrita inicial infantil, em comparação com o sistema linguístico adulto, para o interacionismo em aquisição de linguagem, não é algo aleatório, mas um dado privilegiado de análise. O que coloca o insólito e imprevisível da fala ou escrita infantil como produções singulares, que marcam, conforme Figueira (1995, p. 146), certa autonomia do linguístico. Isso porque essas produções “tocam certas qualidades, tais como: permanência, univocidade, regularidade, [...] propriedades que tornam a língua representável” (FIGUEIRA, 1995, p. 158), revelando, por conseguinte, o funcionamento da língua.

Desse modo, o diferente e imprevisível que aparece na escrita inicial infantil surpreende por promover “o cruzamento imprevisível entre o estável e o não-estável, o simétrico e o não-simetrizável” (FIGUEIRA, 1995, p. 146), o que inscreve o impossível na ordem da língua e, conseqüentemente, abre um espaço onde a língua, segundo Milner (2012, p. 27), não cessa de ser desestratificada pelo impossível de dizer e pelo impossível de não dizer. Com isso, reconhece-se, conforme Milner (*Ibid.*, p. 21), que existe um lugar na língua onde se fala ou escreve o que não se pode falar ou escrever, o que faz da fala e da escrita inicial de crianças um lugar de manifestação do insólito.

Diante disso, o reconhecimento dessas produções imprevisíveis aponta para a não coincidência entre o que a criança escreve e o que ela vê como diferente entre sua escrita e a escrita da língua constituída, o que nos encaminha à observação de Lemos (2007) sobre a heterogeneidade, imprevisibilidade e resistência que a criança apresenta em relação à linguagem.

Assim, o reconhecimento do erro, bem como do equívoco, na fala infantil, de acordo com Lemos (2006, p. 30), mostra o funcionamento de *la langue*³ como polo dominante, que captura a criança e submete-a ao funcionamento da língua. Desse modo, considerando que, “em determinado momento da aquisição de uma língua, a criança produz formas ou estruturas desviantes” (FIGUEIRA, 1995, p. 147), até certo ponto interpretáveis e previsíveis, segundo Figueira, apresentamos a seguir o conjunto de três textos escritos por uma criança de 6 anos.

Convém ressaltar que os textos foram escritos, em sala de aula, logo após a professora da turma fazer a leitura dramatizada de contos clássicos infantis, em um dos momentos das aulas de Língua Portuguesa intitulado “Lá vem história”. Importa dizer, ainda, que a criança, um menino, matriculado no 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Serra Talhada (PE), está na escola regular pelo primeiro ano e, devido ao acompanhamento familiar, a criança já apresentava um grande repertório de palavras da língua escrita constituída desde o início do ano letivo.

Vejamos esses textos, a seguir:

³ Neologismo lacaniano usado para indicar que uma determinada língua não é “comparável a nenhuma outra, na medida em que ela justamente não tem outra; na medida em que, inclusive, não teria como se dizer o que é que a faz incomparável” (MILNER, 2012, p. 21).

Texto 1 – Os três porquinhos

<p>OS TRÊS PORQUINHOS</p> <p>[REDACTED]</p>  <p>01</p>	<p>OUTRO FEZ A CASA DE MADEIRA</p>  <p>03</p>
<p>ERA UM VEZ TRÊS PORQUINHOS UM FEZ A CASA DE PALHA</p>  <p>02</p>	<p>OUTRO FEZ A CASA DE TIPOLO</p>  <p>04</p>
<p>DAÍ O LOBO APARECEU, COM O SOPRO DESTRUIU A CASA DE PALHA</p>  <p>05</p>	<p>ELAS CORRERAM PARA A CASA DE TIPOLO O LOBO ACORNOU MAS NÃO DESTRUÍU A CASA</p>  <p>07</p>
<p>O PORQUINHO CORREU PARA A CASA DE MADEIRA, O LOBO APARECEU DE NOVO</p>  <p>06</p>	<p>ELAS DESSE (O Lobo) MORRER E UZAS NA CASA DE TIPOLO</p>  <p>08</p>

Fonte: Texto cedido pela professora

É possível observar nesse texto, seguindo a perspectiva de mudança de posição em uma estrutura, conforme Lemos (2002), a posição assinalada como a de alienação da criança ao outro (primeira posição). Isso porque, ao iniciar a escrita de seu texto, a criança começa com a célebre expressão “Era uma vez”, o que pode ser compreendido como algo que retorna dos textos oferecidos pelo outro (professor) em sala de aula. Dito de outro modo, a maneira como a criança inicia sua produção indica a escuta aos textos lidos pelo adulto e que, por consequência, acaba reverberando na escrita da criança.

Convém notar também, nessa produção, o que o interacionismo em aquisição de linguagem concebe, a partir de Lacan e Milner, como equivocidade da língua, ou seja, o impossível que irrompe na fala ou na escrita e causa estranhamento. O equívoco da língua, para Milner (2012, p. 27), corresponde ao reconhecimento da “partição entre o correto e o incorreto que está no coração das gramáticas e das descrições linguísticas”, é o lugar onde a língua não cessa de ser desestratificada pelo impossível de dizer e pelo impossível de não dizer, conforme foi colocado antes.

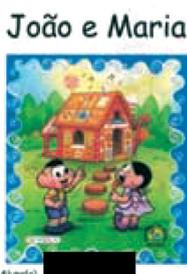
Nesse texto, o que irrompe como “erro” pode ser observado, inicialmente, pelo apagamento da vogal final do artigo indefinido “uma” (quadro 2) e também pelo apagamento de letras nos termos “outro” (quadro 3), “terceiro” (quadro 4), “morar” e “juntos” (quadro 8), grafados, respectivamente, como “otro”, “tercero”, “mora” e “jutos”. Tais ocorrências remetem-nos à afirmação de Bosco (2002, p. 66) de que, pela via do equívoco de um traço ou uma série de traços, outros traços ou séries podem ser evocados. Nesse caso, o apagamento de uma letra apenas em cada uma das palavras listadas leva-nos a supor que se trata do resultado do efeito do traço sonoro, uma vez que essas palavras geralmente sofrem certas modificações quando enunciadas, o que dificulta a compreensão da criança, já que esta, no percurso inicial de aquisição da escrita, está muito colada à associação som/escrita.

É importante destacar que, embora o interacionismo em aquisição de linguagem não trate o processo de aquisição da escrita como representação da fala, em razão de que a escrita não é pura representação na medida em que se trata de um outro registro, podemos compreender que as ocorrências “i” (quadro 5), “correo”, “apareceo” (quadro 6), “correrão”, “açoprou”, “derrobou” (quadro 7), “dessidirão” (quadro 8) também resultam da semelhança sonora, pois, na tentativa de escrever aquilo que foi ouvido na fala, a criança acaba substituindo a grafia consagrada pela norma padrão por letras que apresentam semelhança do traço sonoro.

Nesse texto, a substituição do “u” pelo “o” na conjugação dos verbos “correr” e “aparecer” no pretérito perfeito do indicativo, além do “erro” observado na grafia das desinências dos verbos “correr” e “decidir”, grafadas com –ão (desinência do futuro do presente) em vez de terem sido grafadas com desinência do pretérito perfeito e, ainda, a substituição do dígrafo –ss por –ç na grafia do verbo “assoprar” e a troca da consoante –c pelo dígrafo –ss na escrita do verbo “decidir” apontam para o equívoco pelo deslizamento da semelhança sonora entre a grafia correta das palavras. Isso porque, no início do processo de aquisição da escrita, as questões ortográficas ainda não estão muito claras para a criança e essa, por sua vez, escreve a partir de traços sonoros que se assemelham aos das palavras que escrevem.

Diante disso, as produções desviantes presentes nesse texto podem ser interpretadas como efeito da captura da criança pelo funcionamento da língua, em que o sujeito não “se apropria da língua, mas é por ela ‘apropriado’, como uma ordem que lhe é anterior e na qual não tem outro caminho senão nela se enquadrar, alienando-se” (BOSCO, 2002, p. 75).

Texto 2 – João e Maria

 <p>João e Maria</p>	 <p>ERA UMA VEZ UM PAI E UM FILHO</p> <p>1</p>	 <p>DEPOIS DE COMER BEM MUITO ELES DORMIRAM</p> <p>4</p>	 <p>ACORDA</p>
 <p>O PAI MUITO TA LEVANDO AS COISAS PARA O MATO</p> <p>2</p>	 <p>OPAI ABANDONOU</p>	 <p>ELES ANDARÃO PELA FLORESTA</p>	 <p>AZA RAO UMA CAJA FEIT DE DOCE</p> <p>3</p>
 <p>A BRUXA PAREM OEU BOAO</p> <p>5</p>	 <p>MARIA EMPORROU A BRUXA</p>	 <p>ELES VOLTARÃO PARA CASA</p>	 <p>ELES VIVERÃO PARA SEMPRE</p> <p>6</p>

Fonte: Texto cedido pela professora

Considerando que, “a qualquer ponto de uma série, um desenho ou uma letra pode metaforizar, produzindo equivocidade” (BOSCO, 2002, p. 154), esse texto chama atenção pela ocorrência de produções equívocas semelhantes às do Texto 1, a saber, substituição e apagamento de letras e conjugação modo-temporal dos verbos.

Importa dizer que, embora o texto seja coerente no que diz respeito à descrição das cenas impressas, a substituição de letras em “qui” (quadro 1), “axarão” (quadro 3), “premdeu” e “emporrou” (quadro 5), “voutarão” (quadro 6) pode ser compreendida como resultante da semelhança sonora entre “e/i”, “x/ch”, “n/m”, “o/u” e “u/l”, respectivamente. É interessante observar, também, o apagamento de letras das palavras “crianças”, “depois” e “comer” grafadas “criças” (quadro 2), “depos” e “come” (quadro 4), o que pode ser entendido como movimento da linguagem sobre a própria linguagem sobre os quais, segundo Borges (2006, p. 152), a criança não tem controle.

Convém observar, também, a escrita dos verbos “levar”, “dormir”, “andar”, “achar”, “voltar” e “viver”, que no texto foram escritos seguindo a desinência modo-temporal do futuro do presente do indicativo (-arão, -erão e -irão), quando as ações descritas, por se tratar de episódios passados, deveriam apresentar verbos com desinências indicativas de tempo passado.

No entanto, a insistência da grafia de “-ão” no lugar de “-am” também pode ser compreendida como captura pela semelhança do traço sonoro. O que nos autoriza a dizer que o contato com os textos escritos fornecidos pelo outro (adulto) permite à criança, alienada a esses textos, escrever a partir de cadeias significantes que remetem “à tensão entre o eixo sintagmático e o eixo paradigmático a que Saussure deu estatuto teórico” (LEMOS, 1998, p. 15), visto que há, *in praesentia*, “termos igualmente presentes numa série efetiva” (SAUSSURE, 2006, p. 143) e *in absentia* há elementos que se associam a outros que estão ausentes, nessa escrita. Contudo, importa dizer que, apesar dessas manifestações desviantes, a compreensão do texto da criança não ficou comprometida.

Texto 3 – Chapeuzinho Vermelho

Produção de Texto



1

A MÃE DE CHA PEUSINHO VERMELHO
LEU PARA ELA PARA A CASA DA VOVÓ
PRAIR TREGA OS DOSES DA VOVÓ



2

CHAPEUZINHO VERMELHO
FOI PARA A CASA DA VOVÓ. A CHA
PEUSINHO FOI RRA CABEÇA DA VOVÓ
LALALO



3

A O DE VAI MENINIA VOU PRA
CASA DA MINHA VOVÓ VAI VOU
POR SE CAMINHO LALA LA



4

AIO LOAO INVITOU A VOIS OS
CHAPEUZINHO VERMELHO
TO QUITOU QUEME SOU
EU SUA NETA



5

TO QUITOU POOLEMZA



7

E CAÇADOR SALVOU A
CHAPEUZINHO VERMELHO



6

QUI OLHOS GANDA VOCSTEM
VOLENDA FAMIA, VOVÓ



8

ELES VIVERÃO FELIZES
PARA SEMPRE

Fonte: Texto cedido pela professora

Continuando nossa reflexão acerca da captura da criança pela língua, observamos nesse texto que “a leitura dos escritos infantis propõe-se como deciframento” (BOSCO, 2009, p. 114), em virtude de que a criança, alienada aos textos do outro (semelhante) que a conduz ao funcionamento do Outro (tesouro de significantes), escreve a partir de cadeias de significantes já inscritas na

memória. Com isso, observamos que a fala do adulto, isto é, as narrativas lidas pelo adulto retornam no texto da criança “como um fragmento em que está de alguma forma inscrita a relação instaurada pelo adulto na situação discursiva” (LEMOS, 1998, p. 15).

Nesse texto, notamos, assim como nos textos 1 e 2, substituição e apagamento de letras, ocorrências presentes na grafia de “entregar”, “doces”, “voz”, “toc”, “pode”, “entrar”, “que”, “salvou” e “felizes”, em que a criança substituiu letras que apresentava semelhanças sonoras, grafando-as da seguinte maneira: “intrega” e “doses” (quadro 1), “vois” (quadro 4), “toqui” (quadros 4 e 5), “podì” e “emtra” (quadro 5), “qui” (quadro 6), “sauvou” (quadro 7) e “felises” (quadro 8).

No que se refere ao apagamento de letras, os termos “ir”, “entregar”, “aonde”, “esse” e “grande” sofreram, cada uma, apagamento de uma letra somente, diferentemente de “meninha” e “minha”, que tiveram o dígrafo “nh” omitido. Desse modo, as palavras foram grafadas como “i” e “intrega” (quadro 1), “aôde” (quadro 3), “ese” (quadro 3), “gande” (quadro 6), “meninia” (quadro 3) e “mia” (quadro 6). Nessa escrita, a ruptura com grafias ditas “corretas” pode ser interpretada como resultante do movimento da língua que, de acordo com Lemos (1995, p. 22), “produz cruzamentos, amálgamas e substituições”. O que nos encaminha para a compreensão, com fundamento em Lemos (2002), de que a escrita inicial, assim como a fala inicial, é heterogênea e não-simetrizável.

Outra ocorrência relevante refere-se à omissão de um termo no quadrinho 1, em que a criança, ao iniciar a narrativa, escreve “A mãe de Chapeusinho Vermelho [.....] para i para a casa da vovo pra intrega os doses pra vovo”. Supomos que a omissão de termos como “pediu”, “falou”, “mandou”, ou outro que denote a solicitação da mãe, não aconteceu de maneira intencional. Isso porque essa criança, de acordo com o relato da professora, costuma falar em voz alta as palavras que vai escrever e, por isso, dificilmente ocorre “esquecimento” de palavras em suas produções escritas. A observação desse tipo de episódio remete-nos a questões discutidas na teoria psicanalítica sobre a incidência do sujeito do inconsciente, reconhecido por atropelar o sujeito consciente, impondo-lhe acontecimentos lacunares e sem sentido, conforme Garcia-Roza (1992). No entanto, como não é nosso propósito observar questões psicanalíticas, nos textos dessa criança, não nos aprofundaremos nesse campo.

Outro evento interessante é a instabilidade que ocorre na grafia da preposição “para”, que ora aparece na forma padrão, ora na forma reduzida “pra” (quadros 1, 2 e 3). No entanto, observa-se certa estabilidade gráfica na escrita da palavra “Chapeuzinho”, grafada em todas as ocorrências (quadros 1, 2, 4 e 7) com a letra “s”. A manutenção de estabilidade, tomando como referência os textos 1 e 2, pode ser observada, também, na grafia do verbo “viver” (quadro 8), que aparece escrito com a desinência empregada para verbos conjugados no futuro do presente do indicativo, o que, mais uma vez, assinala o deslize na escrita pela

semelhança sonora, visto que a desinência que indica futuro do presente /ãw/, foneticamente, assemelha-se à desinência do pretérito perfeito /a^w/.

Importa notar, ainda, que, diferentemente dos textos 1 e 2, essa produção foi escrita sem a participação do narrador, ou seja, a criança, mesmo sem conhecer os requisitos exigidos pela norma padrão para a escrita do discurso direto, fez uso desse recurso no quadro 2 (la la la), numa indicação de que a personagem da história estava cantarolando. No quadro 3, a criança escreve em uma mesma sequência a fala do Lobo (aôde vai menina) e a de Chapeuzinho (vou pra casa da minha vovo). No quadro 4, mais uma vez a criança faz uso do discurso direto, dessa vez com a fala da avó (Quem é) e a do Lobo (sou eu sua neta) em uma mesma sequência.

No quadro 5, o autor escreveu a fala do Lobo “disfarçado” (podi emtra) e no quadro 6 a fala de Chapeuzinho Vermelho (qui olhos gande voce tem voce não e a mia vovo). Diante disso, o uso do discurso direto, do ponto de vista de mudança de posição em uma estrutura, pode ser compreendido como a relação do sujeito com sua própria fala, uma vez que a criança, inspirada nos textos que lhe são oferecidos, é afetada por aquilo que escreveu, sobretudo, por ter atribuído uma versão diferente às falas das personagens, o que marca a dominância da relação do sujeito com sua própria fala; no caso da escrita, com sua própria escrita.

Nos quadros 4 e 5, a criança introduz a fala das personagens usando os termos “toque toque” para imitar batidas na porta; nesse caso a grafia da onomatopeia “toc toc” foi substituída pela grafia “toque”, pela semelhança entre o som da última sílaba, “-que”, da palavra escrita e a última letra da palavra “toc”, o que indica, seguindo Figueira (1995, p. 160), “um cruzamento imprevisível entre o estável e o não-estável, [...] um sendo condição para a existência do outro”, isto é, o funcionamento da língua sendo condição para a existência do erro e o erro para o funcionamento da língua.

Outra ocorrência que chama atenção é o fato de a criança ter escrito seu nome em todos os textos. Embora tenhamos optado por tachar o nome do autor, a fim de preservar sua identidade, cumpre realçar que, para o interacionismo em aquisição de linguagem, a escrita do nome próprio assinala a inscrição da criança na escrita e, por conseguinte, seu reconhecimento como sujeito nesse campo.

Para Bosco (2009), o nome próprio escrito, nos textos da criança, como sua assinatura “ganha destaque como um enunciado dotado de uma especificidade [...] que vai conceder a autoria do texto produzido àquele que nele anuncia de um modo singular o seu nome por escrito” (BOSCO, 2009, p. 36) e que, no caso da escrita inicial, inscreve a criança como sujeito capturado pela língua, visto que o traçado das letras do nome sobre o papel, segundo a autora (*Ibidem*), resulta na realização de uma marca da qual o sujeito está investido.

Considerações finais

Com o objetivo de analisar a captura da criança pelo funcionamento da língua, buscamos, no interacionismo em aquisição de linguagem, observar o efeito do outro-discurso (escrito) representado pelos textos que circulam em sala de aula, analisando as produções desviantes que aparecem, na escrita inicial da criança, como vestígios da captura e da relação da criança com a língua.

Assim, com base na afirmação de Borges (2010, p. 106) de que a escrita “com letras, sinais gráficos convencionais, e não com rabiscos, já é efeito do outro-discurso (escrito)” sobre a escrita da criança, foi possível observar, nesses textos, que a escrita inicial, por se tratar de um fato de linguagem, não está imune aos desvios e deslocamentos da língua, sobretudo no que diz respeito ao traço sonoro, pois no início do processo de aquisição de linguagem a criança tenta escrever as palavras de acordo com sua fala ou com a escuta da fala do outro, o que assinala as mudanças que ocorrem na escrita infantil como marca da relação da criança com o funcionamento da língua.

Com isso, observamos que a criança, no início do processo de aquisição de escrita, alienada aos textos que lhe são oferecidos pelo outro e submetida ao funcionamento da língua, escreve a partir de cruzamentos e combinações imprevisíveis de letras, e o que emerge como produção desviante, nessa escrita, indica sua captura pela língua.

Desse modo, o que aparece como uma produção estranha na escrita infantil não só marca a relação da criança com a linguagem como também a especificidade do movimento da língua, uma vez que a criança só estabelece relações com o funcionamento da língua quando imersa na linguagem, alienada ao discurso do outro (semelhante) e do Outro (tesouro de significantes).

Para finalizar, reconhecemos que nossa tentativa de tratar a aquisição da escrita como uma questão de captura não se esgota neste trabalho, pois, ao tratarmos as produções desviantes que emergem na escrita infantil como indício de captura da criança pela língua, outras questões são levantadas, mas sobre as quais não nos deteremos, por não ser nosso objetivo neste trabalho.

Referências

- BORGES, S. X. A. A aquisição da escrita como processo linguístico. In: LIER-DEVITO, M. F.; ARANTES, L. (Org.). *Aquisição, patologias e clínica da linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. p. 149-159.
- BORGES, S. X. A. *Psicanálise, linguística, linguística*. São Paulo: Escuta, 2010.
- BOSCO, Z. R. *No jogo dos significantes, a infância da letra*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

BOSCO, Z. R. *A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

FIGUEIRA, R. A. Erro e enigma na aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, v.30, n. 4, p. 145-162, dez. 1995.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o Inconsciente*. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. *O Seminário*, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LEMOS, C. T. G. Língua e Discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, v.30, n. 4, p. 9-28, dez. 1995.

LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, Roxane. *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 8-18.

LEMOS, C. T. G. Das Vicissitudes da Fala da Criança e sua Investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: IEL/Unicamp, n. 42, 2002, p. 41-69.

LEMOS, C. T. G. Sobre o "Interacionismo". *Revista Letras de Hoje*, v. 34, n. 3, , p. 11-16, set.1999.

LEMOS, C. T. G. Da angústia na infância. *III Jornada de Psicanálise com Crianças de Americana*: São Paulo, 2007.

LEMOS, C. T. G. Desenvolvimento da Linguagem e Processo de Subjetivação. *Revista Interações*, v. V, n. 10. Jul/dez., p. 53-72, 2000.

LEMOS, C. T. G. Das Vicissitudes da Fala da Criança e sua Investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: IEL/Unicamp, n. 42, p. 41-69, 2002.

LEMOS, C. T. G. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem. In: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (Org.). *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. p. 21-32.

MILNER. J. C. *O amor da língua*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.